



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14037 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT15 - Educação Especial

A câmera e a fotografia: atos de criação de fotógrafos com deficiência visual

Luciene Pereira de Araújo - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A câmera e a fotografia: atos de criação de fotógrafos com deficiência visual

Este trabalho é o desdobramento de uma dissertação cujo objetivo foi analisar os processos de criação no ato fotográfico por dois fotógrafos com deficiência visual. Nos pautamos nos estudos da teoria histórico-cultural de Vigotski em diálogo com Dubois sobre ato fotográfico e colocamos em debate questões acerca da fotografia e do processo de aprendizagem e desenvolvimento humano. O entrelaçamento desses estudos sustenta a ideia de que a fotografia se faz em processo, a partir das relações vividas pelo fotógrafo. Foram realizadas duas entrevistas em profundidade de modo a compreender como os sujeitos participantes do estudo se tornaram fotógrafos; depois, foram listadas e analisadas as suas estratégias de criação no ato fotográfico. Nesse trabalho, nos debruçaremos sobre o aparelho e a fotografia como instrumentos técnicos semióticos. A partir das reflexões feitas, podemos considerar que a fotografia é concebida em diversas etapas e que a partir dos modos como as relações com esses instrumentos técnicos são estabelecidas podemos assumir a fotografia como uma prática cultural possível para pessoas com deficiência visual, tendo como suporte uma abordagem em que as diferenças não sejam marcadas pelo olhar normativo e sim com um olhar para as capacidades, as habilidades e a subjetividade de cada um.

Palavras-chave: Fotografia; Deficiência visual; Instrumentos técnicos semióticos.

Este trabalho é o desdobramento de uma dissertação cujo objetivo foi analisar os processos de criação no ato fotográfico por dois fotógrafos com deficiência visual. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da universidade na qual foi desenvolvida. Os participantes do estudo concordaram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Pautado nos pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural de L.S. Vigotski, em diálogo com as ideias sobre o ato fotográfico por Dubois, colocamos em debate

questões acerca da fotografia e seus processos de criação. Aqui, nos debruçaremos sobre as questões que permeiam a técnica e o instrumento fotográfico, ou seja, a câmera e a fotografia, pensando nas transformações ao longo do tempo desses instrumentos tencionando questões acerca da acessibilidade e o capacitismo.

Assim que a fotografia foi inventada a concepção que se tinha era de que ela representava uma cópia fiel da realidade, uma imitação perfeita do mundo. Tal concepção se deve ao considerar que a mesma era o resultado de um procedimento puramente técnico em que o fotógrafo não tinha influência sobre aquele resultado uma vez que a imagem surgia de forma “automática”. Com o passar do tempo, no entanto, começou-se a perceber que a fotografia não era uma cópia tão fiel da realidade. Algumas nuances de cores se perdiam no resultado final e no início dessa invenção era preciso esperar muito tempo para que a imagem se formasse e isso fazia com que, ainda que por motivos técnicos, a fotografia fosse encenada (DUBOIS, 2012).

Ao longo dos anos os sentidos e significados da fotografia continuaram se transformando. Nesse trabalho, que se dá a partir da ideia do ato fotográfico, entendemos que a fotografia é concebida em um contexto, se fazendo em processo, não podendo sua existência ser desvinculada dessa realidade. Fazer uma fotografia está além do registro no papel ou na memória da câmera, pois antes de se chegar ao produto final foi preciso que o fotógrafo escolhesse a câmera a ser usada, o que queria fotografar, como queria fazer esse registro e de que forma se posicionaria diante do assunto escolhido (DUBOIS, 2012). Portanto, as escolhas do fotógrafo e sua subjetividade são pontos importantes para compreender que a fotografia não é só o que vemos registrado, ela é um ato no qual existe todo um processo de criação e o único momento em que não há a intervenção do fotógrafo é no “clique” da câmera.

Nessa direção, podemos trazer um apontamento feito por Barthes (1984, p. 30): “Para mim, o órgão do fotógrafo não é o olho (ele me terroriza), é o dedo: o que está ligado ao disparador da objetiva, ao deslizar metálico das placas (quando a máquina ainda as tem)”. Dessa forma, essa ideia e a trazida por Dubois (2012) sobre a fotografia se fazer em contexto e ser uma construção se complementam.

Com isso em vista, tanto do que foi colocado sobre a fotografia quanto sobre o aparelho, podemos fazer uma discussão que se dá a partir das colaborações de Vigotski sobre os instrumentos produzidos pelo homem, os quais Pino (1995; 2000; 2003) tratou de elucidar. Segundo o autor, a concepção de Vigotski sobre a atividade humana é de que tudo que é produzido por ela é cultural. Nessa produção, estão os instrumentos técnicos, aqueles criados pelo homem como meio para operar sobre o mundo natural e transformá-lo, e os instrumentos semióticos, aqueles que representam cada um dos sistemas de signos criados pelos homens de modo a representar-se e compartilhar entre eles a percepção de si e do mundo (PINO, 2003).

Conforme explica Pino (2003), esses instrumentos são os mediadores universais para

as relações dos homens com o mundo e com eles mesmos, os constituindo e, mesmo que existam diferenças sobre o uso feito pelo homem para atuar e se relacionar com o mundo, existem também proximidades. Segundo o autor, há uma “cumplicidade” entre os elementos que lembra o que Aristóteles falava sobre matéria e forma, “o signo (*in*)forma a matéria conferindo-lhe forma / identidade; a matéria dá suporte ao signo para que ele possa *significar*” (PINO, 2003, p. 288, grifos do autor).

Para o contexto desse trabalho podemos exemplificar essa ideia por meio da ideia de “fotografia” que dá forma ao “aparelho fotográfico” ao mesmo tempo que o “aparelho fotográfico” dá forma à “fotografia”, e, além disso, a ideia de “fotografar” dá forma à “fotografia” que por sua vez dá forma à ideia de “fotografar”. Do ponto de vista do aparelho fotográfico, ou seja, da câmera, um instrumento técnico, este foi sendo substituído ao longo do tempo; já do ponto de vista das transformações que a concepção de fotografia sofreu ao longo do tempo, conforme apontado anteriormente, podemos dizer que os meios semióticos foram se recriando, como nos aponta Pino (2003). Indo além, pensando na discussão que essa pesquisa se propõe a fazer, de pensar a relação entre fotografia e deficiência visual, os significados em relação aos sistemas de signo que compõem uma ideia e outra precisam também ser recriados. Por isso, podemos falar nos instrumentos dessa pesquisa como técnicos e semióticos, produtos culturais da atividade humana como já nos apontou Pino (1995; 2000; 2003).

A partir do exposto, trataremos sobre o ato fotográfico de dois fotógrafos com deficiência visual. Para tal, foram realizadas duas entrevistas em profundidade, do tipo semiaberta (DUARTE, 2012). A escolha por esse instrumento se deu em função da possibilidade de ouvir a partir de quem faz a fotografia como se dá o seu processo de criação, quais são as influências nesse fazer e como se dá a relação com o aparelho, a ideia de fotografia e como isso constitui o ato fotográfico de cada um.

Para iniciar a discussão trago o relato feito por um dos fotógrafos sobre como fotografar a lua:

[...] Por exemplo vai fotografar a lua no meu caso, eu vejo o brilho, mas aí trago pra perto de mim com a lente de câmera, e você tem toda uma técnica pra conseguir manter a câmera no lugar certo pra não tremer muito, você sabe que você dá zoom a câmera treme, a gente vai usando o que cada um tem, isso é uma coisa muito pessoal [...] (Fotógrafo 1)

A descrição sobre o ato de fotografar a lua foca na relação do fotógrafo com a câmera e com o conhecimento necessário para conseguir fazer os registros. Ainda, trata de como certos procedimentos são feitos dependendo das condições e do que se quer fotografar. Se o assunto da fotografia fosse outro, esse modo de se relacionar com a câmera seria diferente, pois como o entrevistado apontou, é usado o que cada um tem e isso também é algo pessoal, ou seja, constitutivo da individualidade de cada um.

Em um relato trazido pelo outro entrevistado ele conta:

[...] o meu processo de fotografar ele foi sempre um processo autodidático, depois da minha perda da visão, eu já tinha um conhecimento e a bagagem. Então eu só tive que ter essa noção de espaço e distância de conhecer meu equipamento, cada botão para que que servia. Aí me aprofundei na questão de lentes. Necessidade de ter uma lente fixa, a necessidade de ter uma lente tele ou zoom, [e] por quê? A lente fixa o teu corpo é o zoom né e essas... essas teles você vai ter que mexer no anel, aproximar e se distanciar assim do objeto desejado (Fotógrafo 2).

Nesse apontamento também podemos perceber a relação entre o fotógrafo e o aparelho e como, apesar de ser o mesmo, é preciso um novo modo de operar e se relacionar com ele. Tal discussão reforça o que foi sinalizado no início do trabalho sobre os modos de relação do homem com o mundo e consigo a partir dos instrumentos técnicos semióticos criados por ele mesmo.

Outro apontamento importante de ressaltar é quando esse mesmo fotógrafo conta sobre o aparelho ideal para exercer o seu trabalho:

O que seria a ferramenta ideal para mim, hoje, como fotógrafo? Uma câmera com acessibilidade. Eu ganhei um protótipo da Canon? Ganhei, mas foi um protótipo, ela tem limitações, mas se tivesse câmeras profissionais hoje totalmente acessíveis eu teria mais ferramentas pra ter um trabalho mais autônomo, porque ainda dependo das parcerias na hora que eu vou fotografar um evento nacional ou internacional (Fotógrafo 2).

Esse relato aponta para os modos do fotógrafo se relacionar com o mundo e com os outros. O aparelho proporcionaria uma autonomia para o seu fazer fotográfico e, igualmente, uma autonomia em relação às pessoas que dão suporte, criando, dessa forma, outros significados para os seus retratos. Em outro momento, segundo esse fotógrafo, a tecnologia para que esse instrumento possa ser fabricado já existe e é usada, por exemplo, nos celulares, em que, ao apontar a câmera, ela vai dizer se é pessoa ou se é objeto. O protótipo, sem dúvida, é um grande passo, porém, as suas limitações apontam para o avanço que é preciso ter.

Além disso, ele conta que a criação do protótipo se tratou de uma ação de Natal da fabricante da câmera. Ou seja, embora instrumentos acessíveis sejam necessários, esse ainda não é o propósito da empresa. Aqui, podemos perceber outra forma de relação que se estabelece e que não se trata apenas do objeto em si, o instrumento técnico, mas do que ele representa e da sua significação, pois o fim não é a produção de um aparelho acessível, mas sim uma campanha publicitária.

A partir do que foi analisado o que deve ser pensado é sobre uma acessibilidade que realmente seja acessível. Por mais que a colocação feita pareça redundante, o que se tem a partir das problematizações feitas a partir das entrevistas é que a acessibilidade ainda é pensada por um viés normativo da sociedade, uma vez que a produção dela é feita por meio de uma orientação das pessoas que “veem com os olhos”. Quando o objetivo final da fabricação de um instrumento é uma campanha e não proporcionar a acessibilidade necessária, é possível perceber que ela se faz a partir de uma vivência do que se *acha* sobre a pessoa, ou seja, a partir de uma posição de saber *sobre* o outro, quando seria mais produtivo e tornaria as relações menos desiguais se ela fosse pensada *com* o outro, ou seja, *junto* às

peças com deficiência, uma vez que as barreiras apontadas pelo fotógrafo sobre o instrumento talvez pudessem ser superadas a partir dessa relação em parceria.

Assim, o que podemos concluir com essas reflexões é que apesar de não existir uma câmara totalmente acessível, existem pessoas com deficiência visual exercendo essa profissão apesar das barreiras do aparelho e, portanto, é importante pensar em modos de acessibilizar esse instrumento para viabilizar ainda mais essa relação. Quando se muda a abordagem da fotografia, outro instrumento técnico semiótico, essa relação também se torna possível. Para isso, é importante que a concepção de fotografia não seja de apenas um produto final, mas de uma construção que depende das escolhas, das subjetividades e dos processos de criação de cada um. Assim, os modos de fazer uma fotografia são únicos, não existindo certo ou errado para esse trabalho.

Tal ponderação é importante pois mostra a diversidade da fotografia em suas diferentes formas de existir e de ser produzida. Mais do que isso, mostra a diversidade também de todos que podem produzi-la. Desse modo, novas propostas pedagógicas e culturais podem ser pensadas a partir de uma abertura à diferença, em que estejamos dispostos a aprender com ela. No campo educacional, abrem-se possibilidades do ensinar e aprender a fotografia, a partir de uma abordagem do ato fotográfico, pois demonstra que o processo se trata de uma construção que deve levar em consideração as experiências de cada um, orientando um modo de enxergar o mundo pelo qual as pessoas não tinham sido chamadas a atenção anteriormente.

Por fim, o que é preciso ter no horizonte são os modos de se relacionar e os significados e sentidos que são produzidos a partir dessas relações, pois se a abordagem se der de uma forma que as desigualdades são colocadas em evidência, a partir de um olhar normativo, não há o que problematizar e essa relação não tem como ocorrer. Se, por outro lado, são pensadas novas formas de abordagem, de se relacionar e significar os instrumentos, infinitas possibilidades se abrem para a essa relação entre fotografia e deficiência visual e essas novas formas de abordagem podem ser aplicadas a outros instrumentos técnicos semióticos criados pelo homem a fim de promover a construção de uma sociedade inclusiva.

Referências bibliográficas:

BARTHES, R. **A câmara clara** : nota sobre a fotografia. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução: Marina Appzenller. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012.

PINO, A. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 45-78, jul. 2000.

PINO, A. Semiótica e cognição na perspectiva histórico-cultural. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 31-40, ago. 1995.

PINO, A. Técnica e semiótica na era da informática. **Contrapontos**, Itajaí, v. 3, n. 2, p. 283-296, maio-ago. 2003.